

Sete-de-Ouros

EDIÇÃO DE UM EXEMPLAR ÚNICO,
DEDICADO POR JOÃO GUIMARÃES ROSA
A SEU AFILHADO EM 17 DE MAIO DE 1954

“Esta história, extraída do conto O BURRINHO PEDRÊS, do livro SAGARANA, do codisburguense J. Guimarães Rosa, contada às crianças pelo codisburguense Vicente Guimarães, foi ilustrada pelo codisburguense Rodolfo Marques de Souza.”

Para

Flavio Ernesto,

esta edição de um
exemplar único,

com os parabéns e
a amizade do seu
padrinho

J. Guimarães Gomes.

Rio, 17. V. 54.

HOMENAGEM A CORDISBURGO^{*}

Reclamação de João

Esta história, extraída do conto O BURRINHO PEDRÊS, do livro SAGARANA, do cordisburguense J. Guimarães Rosa, contada às crianças pelo cordisburguense Vicente Guimarães, foi ilustrada pelo cordisburguense Rodolfo Marques de Souza.

★ - CORDISBURGO, cidade mineira de turismo, em cujo município se encontra a famosa Gruta de Maquiné

(História para crianças, extraída do conto «O Burrinho Pedress», do livro «SAGARANA», de J. Guimarães Rosa).

Capítulo I

Reclamação de João Bolinha

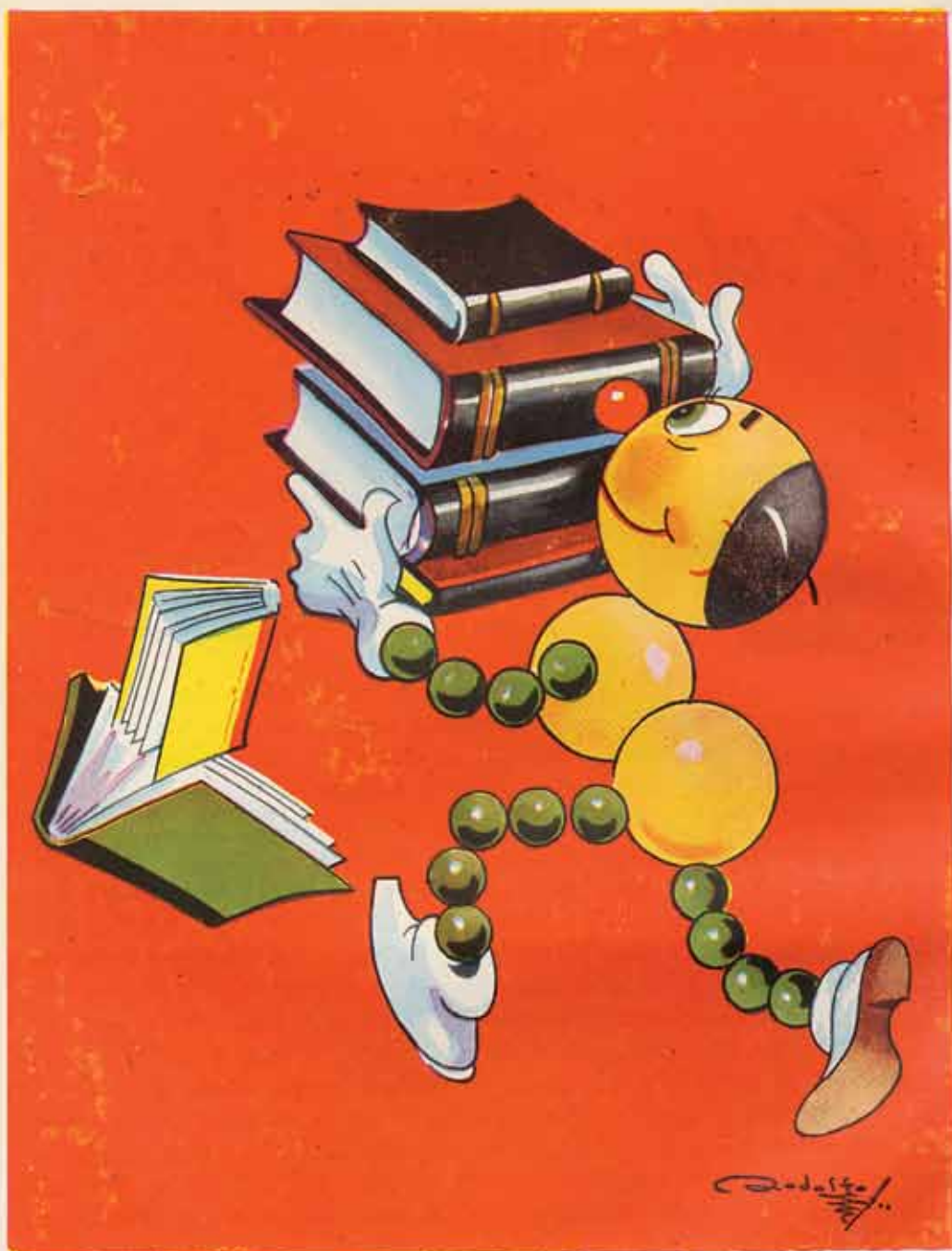


COMO acontece todos os anos, Dedete, Maria Angelina e João Bolinha foram passar as férias na chácara de Vovô Felício. Para eles, que moram na cidade, a chácara representa uma espécie de paraíso, onde só encontram prazer e ventura.

Vovô Felício, grande amigo das crianças, tudo procura fazer para proporcionar maior alegria a seus netinhos. De ano para ano aumenta as diversões na chácara. Lá já existe tiro-ao-alvo, campo de voleibol, rinqe de patinação e uma encantadora piscina natural, sob a queda da cachoeira, que Vovô Felício mandara acimentar nas margens e ajardinar ao redor. É um recanto encantador, onde as crianças passam horas agradabilíssimas. Nada melhor para elas que a ducha recebida num dos filetes da queda d'água. Também são muito apreciados os serões do dono da casa. Vêm-se nos olhos dos pequenos ouvintes o interesse e o deslumbramento que lhes provocam as histórias contadas por êle. Diariamente, é do programa, o bom velhinho tem de inventar uma história para os netinhos, na varanda, após o jantar, logo que o sol acaba de esconder-se e a noite passa uma esponja nas núvens brancas, escurecendo o céu. Vovô Felício precisa encontrar assunto novo todo dia. Dá-se por muito satisfeito quando João Bolinha insiste para que seja reprisada a história do dia anterior. O Dedete e a Maria Angelina é que não gostam muito, pois querem sempre novidade.

Uma tarde, estava Vovô Felício na varanda, em sua cômoda cadeira de vime, descansando da labuta diária e ouvindo, enternecido, o canto alegre dos canarinhos do reino — cabeças-de-fogo — pousados na cêrca de ficus, quando surgiu à sua frente, sobraçando grossos volumes, o irriquieto João Bolinha.

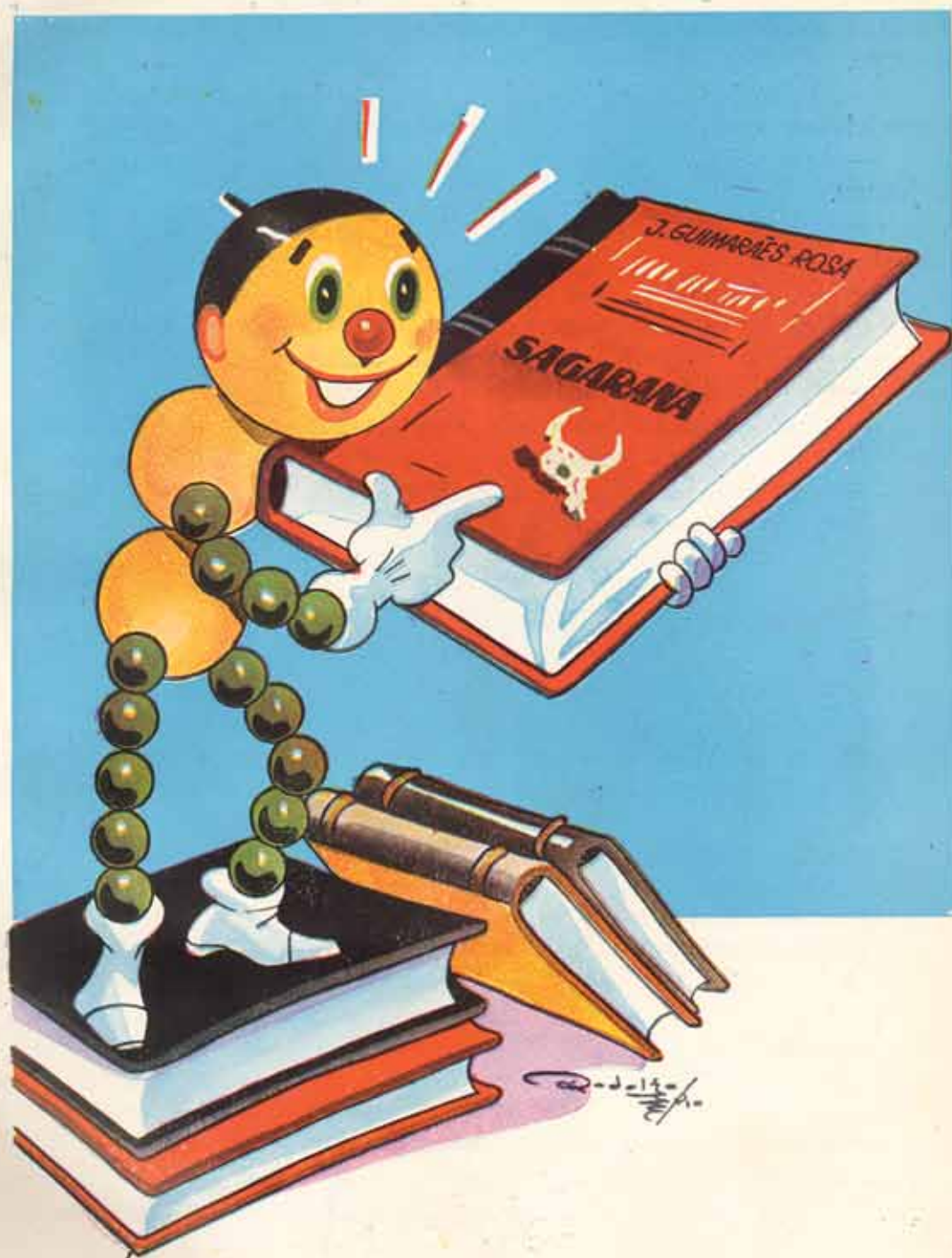
— Aqui está — disse o ex-boneco, depositando na mesa do alpendre a carga que trazia — o motivo porque não gosto de frequentar sua biblioteca, Vovô Felício. Hoje, quis ler um livro: peguei todos êstes, tentei lê-los, mas achei cada um mais complicado que o outro. Não entendo nada!



— Você tem razão, meu netinho. Esses livros não foram escritos para crianças, apesar de muitos deles contarem histórias simples e bonitas. Apenas a linguagem não está ao alcance dos pequeninos. Você, porém, gostaria de muitas que estão narradas nesses livros.

— Mas eu não entendo o que está escrito!

— Não tem importância. Eu poderei contar-lhe algumas dessas histórias, com palavras que você possa compreender.



- Que ótimo! Conte tôdas, então, Vovô Felício!
- Pois não, mas uma por dia.
- Ótima idéia!
- Ótima, sim, João Bolinha. Eu é que vou lucrar. Não terei de inventar tanta coisa!
- E nós ficaremos sabendo o que contam êsses livros grossos, sem o trabalho de ler.
- Mas vocês precisam de ler também. Não é só ouvir histó-

rias. O hábito da leitura é indispensável para o desenvolvimento da inteligência e o aprimoramento da cultura. De sua reclamação, vou tirar outra idéia: formarei aqui, na chácara, uma biblioteca infantil. Assim, vocês poderão deixar um pouco as reações e dedicar algumas horas à leitura, preparando o espírito e descansando o corpo.

— Muito bem, Vovô Felício! O senhor é o melhor vovô do mundo! Vou, correndo, contar as novidades à Maria Angelina.

— Aproveite e chame todos. É hora de se prepararem para o jantar.

— E depois do jantar o senhor já vai contar uma história do livro?

— Já, sim. Vou contar uma bem bonita.

— Vai ser desse livro que tem uma caveira de boi na capa?

— Pode ser... Será, sim. Será a história do Burrinho Pedrês.

— Que bom! Que bom!

Enquanto João Bolinha saía, contente, à procura dos companheiros, Vovô Felício abria o "Sagarana", de J. Guimarães Rosa, para reler a história que ia contar aos netinhos.



(História para crianças, extraída do conto «O Burrinho Pedrês», do livro «SAGARANA», de J. Guimarães Rosa).

CAPÍTULO II

O Sete-de-Ouros



EPOIS do jantar, Vovô Felício reuniu a turma na varanda e começou:

— Vou contar a vocês a história de um burrinho pedrês, chamado Sete-de-Ouros, que nasceu no sertão de Minas Gerais, lá para as bandas de Conceição do Sêro, tendo viaja-

do muito e passado de dono em dono até dar com os costados na fazenda da Tampa, de propriedade do Major Saulo.

— O senhor conheceu o Major Saulo?

— Não, João Bolinha. É êle um personagem do conto.

— Então êle não existiu?

— Não sei. Pode ter existido. Deve mesmo ter existido. O autor do livro descreve-o como sendo um senhor corpulento, quase obeso, de olhos verdes, misterioso, que andava de botas e esporas, e que só com o olhar mandava um boi bravo se ir de castigo.

— E o boi obedecia?

— De certo, João Bolinha — respondeu, impaciente o Dedete. Se o boi não obedecesse, como se poderia saber que o Major castigava os bois com o olhar? Se você ficar perguntando tudo, a história não chegará ao fim. Deixe Vovô Felício contar, sem ser interrompido.

— Não estou perguntando a você!

— Mas, João Bolinha, em parte, Dedete tem razão. Você deve reduzir ao mínimo as suas perguntas.

— Pois não pergunto mais nada.

— Não fale assim, meu netinho. Não fica bem a um menino educado. Pergunte o que quiser, sempre que não entender. Nada de ficar zangado. Vá ver no espêlho a sua cara fechada como está feia.

— Fechada ou não, a cara dêle é sempre feia.

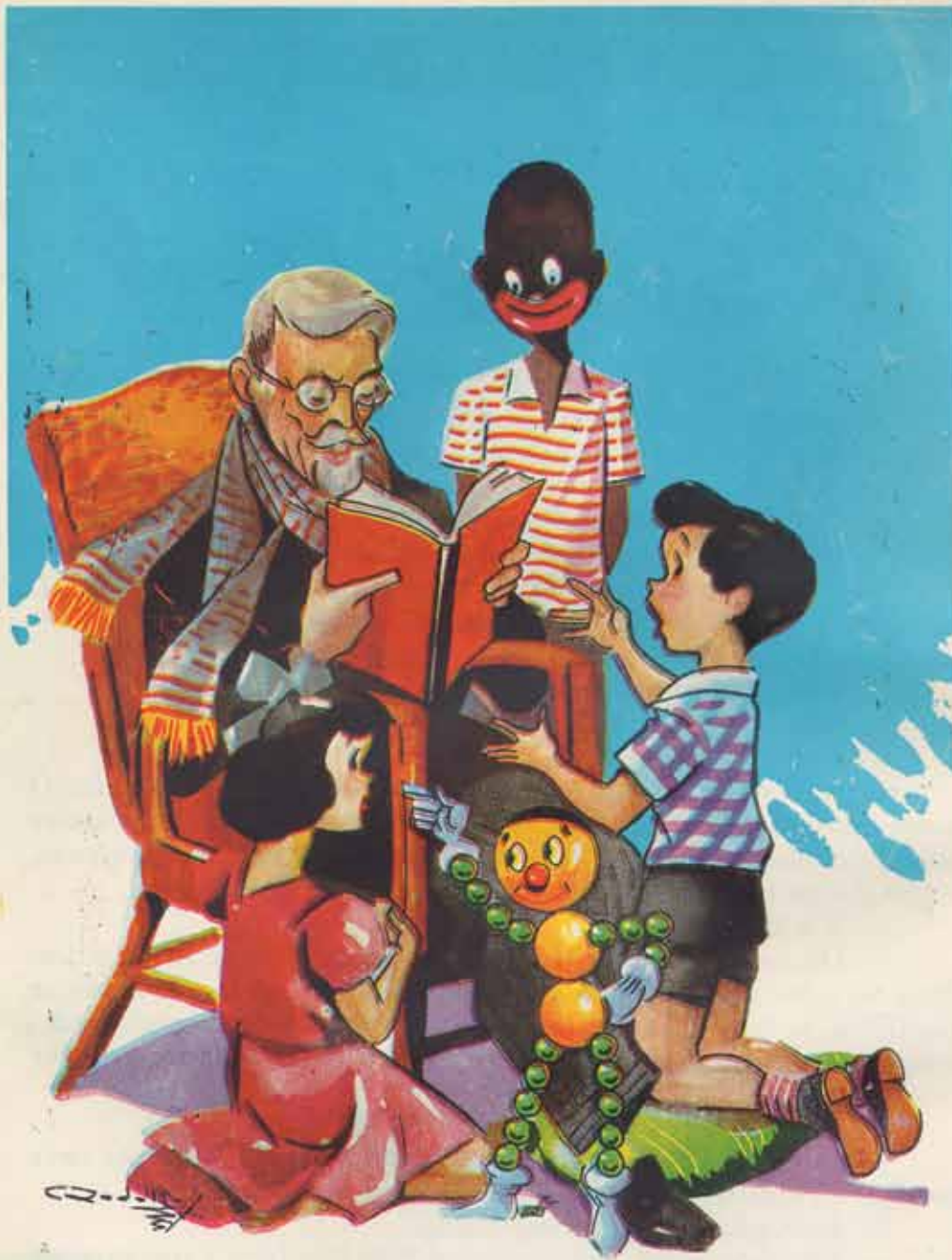
— E a sua, Zé Bolacha, negro beíçola! Você não mexa comigo não, hein!

— Que é isto, João Bolinha? Tenha mais respeito a Vovô Felício. Você está ficando muito malcriado. — Ralhou Maria Angelina.

— O que também tinha êsse negrinho de mexer comigo? Ninguém pediu a opinião dêle.

— Pronto. Acabemos com essa discussão. Desculpe e continue a história, Vovô Felício.

— Pois não, Maria Angelina. A nossa história começa quan-



do o burinho pedrês já está velhinho, com o pêlo ralo, e vive aposentado, no pasto.

É justamente a narrativa de sua última aventura o que vou fazer.

— Agora sou eu que desejo fazer uma pergunta, Vovô Felício.

— Às ordens, minha netinha.

— Porque o burrinho pedrês tinha o nome de Sete-de-Ouros?

— Porque seu último padrinho era jogador de truque e depositava muita fé nessa carta do baralho. Acreditava que com ela na mão nunca perderia. Chegava mesmo a dizer: — *Com sete-de-ouros e três, truco, firme ou mando seis*. Para êle o sete-de-ouros dava mais sorte do que o zápede.



— Zápede!

— É, João Bolinha. Zápede, o quatro-de-paus, a carta de maior valor no truque.

— Quer dizer que o burrinho tinha muito valor?

— Ou dava muita sorte. Pelo menos, o seu último padrinho assim pensava.

— Seu último padrinho, por quê? Então êle teve outros padrinhos?

— Teve muitos. Os animais, quando mudam de dono, quase sempre recebem novo batismo. *Brinquinho* foi o primeiro nome do burrinho pedrês. Chamaram-no assim quando era pequenino, e servia de brinquedo aos meninos. Na adolescência, tendo en-

gordado muito, recebeu de outro dono o nome de *Rolete*, que mais lhe assentava na ocasião. *Chico-Chato* era o apelido de seu último dono, que, ao negociá-lo, se esqueceu de ensinar o nome do animal ao comprador. Este passou a chamá-lo pelo apelido do vendedor, como era costume na região, em tais casos. *Capricho* e muitos outros nomes teve ainda o burrinho até receber o de Sete-de-Ouros, com o qual terminou os seus dias de vida.

— Que engraçado! O Zé Bolacha também é como o burrinho pedrês: já se chamou Zé Pretinho e agora se chama Zé Bolacha.

— Mas meu nome de batismo é José de Oliveira Silva, e eu não sou burro, não, ouviu, seu boneco de pau!

— Ex-boneco. Hoje sou mais gente que você.

— Sai, gente!

— Cale a bôca, Zé Bolacha. E você também, João Bolinha. Pa-rem com essas discussões. Vocês nunca podem estar juntos sem brigar?

— Desta vez foi êle, Vovô Felício. Foi êle quem me chamou de burro.

— Eu não disse que você é burro, não. Só falei que você também tem muitos nomes.

— Não são nomes, pròpriamente, João Bolinha, são apelidos. Nome êle só tem um: José de Oliveira Silva. Apelidos é que já teve dois.

— Por quê?

— O primeiro, porque tínhamos o Zé Grande e o Zé Prêto, aqui na chácara, quando êste nasceu. Para haver diferença, tomou êle o apelido de Zé Pretinho.

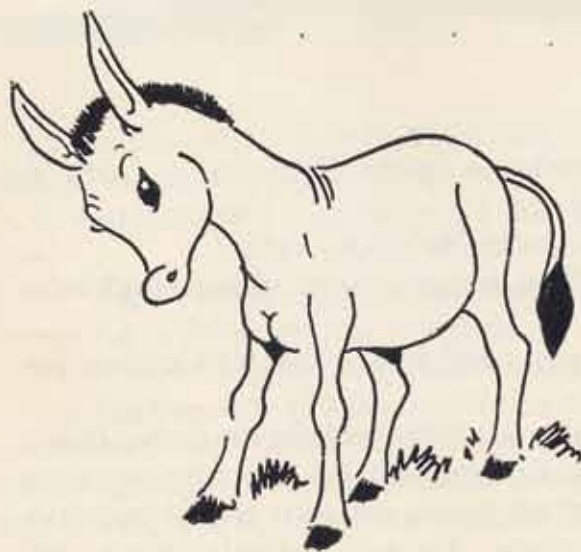
— E por que trocaram, depois, o apelido para Zé Bolacha?

— Isso foi outra história: um dia, o pretinho estava fazendo manha para comer bolachas com café, e as bolachas tinham-se acabado. Tanto chorou atrás da mãe dêle, pedindo — “Eu quero bolachas” — que Sá Zéfa, perdendo a calma, pegou o chinelo e esquentou-lhe os fundilhos, gritando: — “Toma bolacha! Toma, Zé, bolacha!” Dêsse dia em diante, o Zé Pretinho passou a chamar-se Zé Bolacha.

A turma caiu na gargalhada. Até o negrinho não pôde prender o riso, só voltando a fechar a cara quando o ex-boneco, fazendo com os dedos o gesto característico de surra, disse-lhe:

— Toma, Zé, bolacha.

Maria Angelina ralhou com João Bolinha, e Vovô Felício continuou a contar a história do burrinho pedrês.



NO PRÓXIMO NÚMERO
CAPÍTULO III
«OUTRAS AVENTURAS DO
BURRINHO»

(História para crianças, extraída do conto «O Burrinho Pedrês», do livro «SAGARANA», de J. Guimarães Rosa).

CAPÍTULO III

Outras aventuras do burrinho



SETE-DE-OUROS foi um burro valente e simpático. Apesar de pequeno, tinha muita força, trabalhava bem e era estimado. Estava, agora, em gozo de meia-aposentadoria, pois ainda prestava alguns serviços, pequenos e raros, trabalhava bem e era estimado. Estava, agora, uma trica de pisaduras que lhe enfeitava o lombo. No pasto, o burrinho tinha vida regalada e era bastante sabido para evitar as margens dos capões, onde nasce o cafêzinho e outras ervas venenosas, e onde zumbem as môscas de berne e as varejeiras rajadas. Desviando-se desses lugares, não corria o risco de apanhar bicheiras ou envenenar-se.

— Qual foi a última aventura dêle? Estou aflito por saber.

— Calma, João Bolinha. Antes de contá-la, preciso narrar-lhes outras passagens da vida do burrinho, para que vocês o fiquem conhecendo melhor, pois não sabem ainda muita coisa que aconteceu na mocidade dêsse herói. Uma vez, em cima dêle morreu um tropeiro do Indaiá, baleado pelas costas. De outra feita, chegou do pasto, trazendo, dependurada no focinho, uma jararacuçu negra com listas amarelas. A cobra venenosa desfechou-lhe o bote e êle veio com ela pedir ao patrão o remédio para a mordedura. Felizmente a lua era própria e o benzedor acudiu a tempo. O burrinho nem ficou com fastio. No dia seguinte já estava em forma.

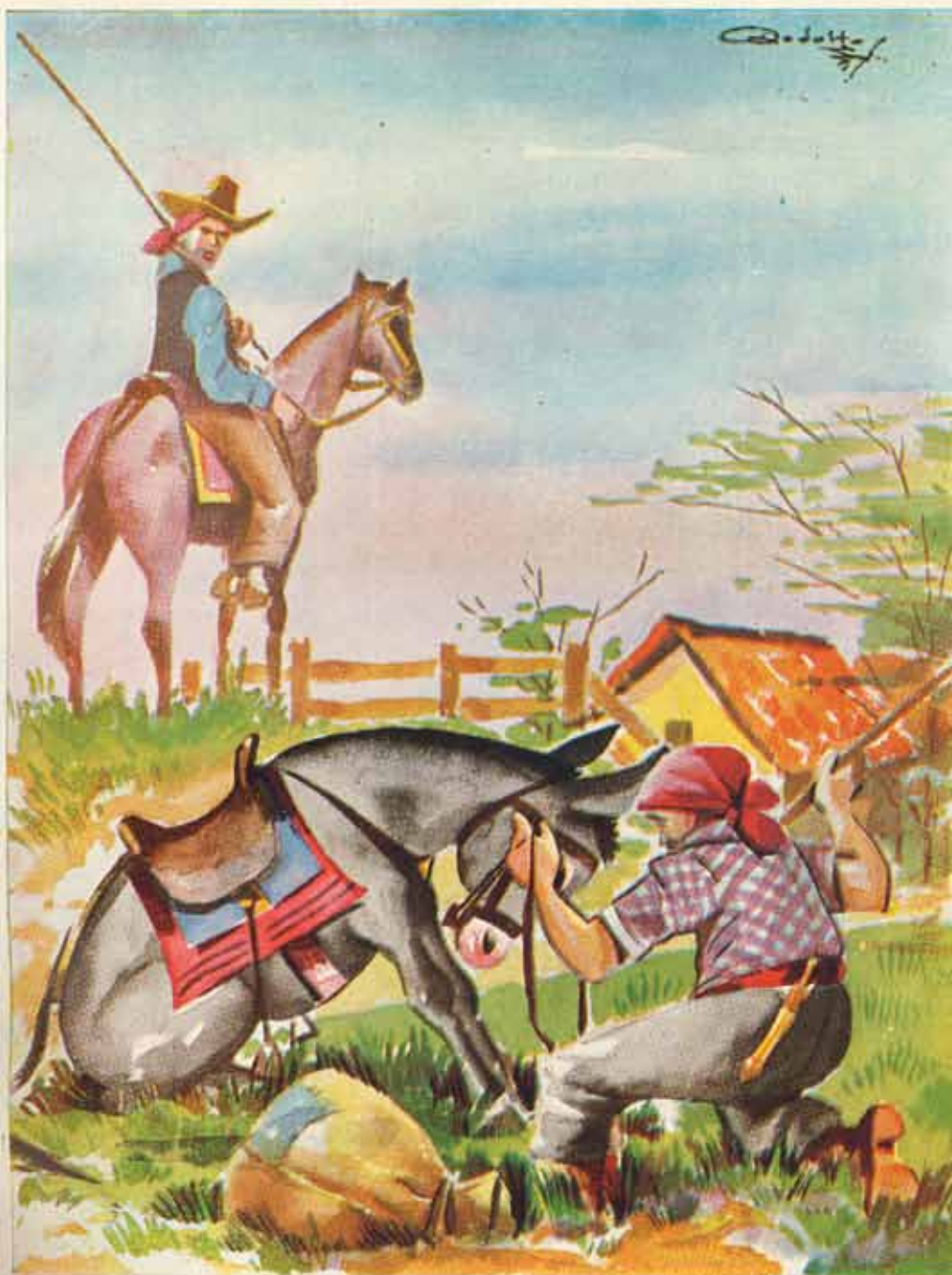


— Vovô Felício, posso fazer uma pergunta?

— Pode, João Bolinha. Que deseja saber?

— Que negócio é êsse de lua própria?

— Muito bem! Muito justa a sua pergunta. Há neste mundo de Deus muita gente atrasada que acredita na influência da lua, principalmente com relação ao êxito das benzeduras. Conforme certas fases da lua, não há reza que faça cair berne dos animais,



ou curar picada de cobra. É êste um meio que os espertos curandeiros encontram para justificar os seus fracassos. Quando o cliente morre, foi a lua que não era própria.

— Que sabidos! Mas, quando a lua é própria, as benzeduras curam mesmo?

— Nada disso. Quando o paciente não morre — como no caso de Sete-de-Ouros — ou a cobra não era venenosa ou, se era, havia

descarregado antes todo o seu veneno em outra vítima. Porque veneno de cobra só se cura mesmo com o sôro anti-ofídico.

— Que mais aconteceu com o Sete-de-Ouros?

— Depois que êle já estava na Fazenda da Tampa, foi furtado por uns ciganos. Passou maus quartos de hora. Para facilitarem a baldroca do burro furtado, os ciganos tentaram apagar a marca de ferro — um coração — que êle trazia no quarto esquerdo dianteiro. Depois, teve de sair a galope, fugindo com os ciganos. Assim, porém, que percebeu estarem sendo perseguidos, empacou, dificultando a fuga. Apanhou como um boi ladrão, mas não arredou do lugar. Os ciganos foram para a cadeia, e o Sete-de-Ouros voltou para o Major Saulo.

— Então, o burrinho era mesmo sabido.

— Se era, Dedete! Dizem que os burros tem mais intuição que os cavalos, principalmente para distinguir o perigo.

— Eu sei que, em estrada molhada, para descer morro e para atravessar rio, o burro é mais garantido.

— E a confirmação disso você vai ter na última aventura do Sete-de-Ouros.



Capítulo IV

ε a Aventura Começa



última aventura do Sete-de-Ouros principia em “manhã notiteira, sem sol, com uma umidade de melar por dentro as roupas da gente. Para ser um dia de chuva, só faltava mesmo que caísse água.” Assim descreve o autor o alvorecer do dia em que começa a última aventura do burrinho pedrês. Os currais da Fazenda da Tampa, em frente à casa, estavam apinhados de bois. Sete-de-Ouros, na cobertura ao lado, pouco ligava à zoadada dos bovinos que esbarravam uns nos outros, escoiceavam-se e experimentavam os chifres em pequenas cabeçadas. Nada lhe interessava. Sonolento, raramente batia uma das patas no chão. De vez em quando, ouvindo aumentar o barulho nos currais, êle levantava a cabeça para ver a aflição dos bois. Cansado de assistir àquelas cenas, ia fechando novamente os olhos para madornar um pouco mais, quando um cavalo prêto, fogoso, desatando-se do mourão onde estava amarrado com outros animais arreados, procura desalojar o burrinho que se achava defronte do côcho vazio. Sete-de-Ouros não é de briga. Afasta-se pacatamente, atravessando o pátio, passa perto dos bois-de-carro, corta ao meio o grupo de vacas leiteiras, já ordenhadas, desviando-se apenas da Açucena, vaca brava, que estava de cria recente.

— Como Sete-de-Ouros sabia que a Açucena era brava?

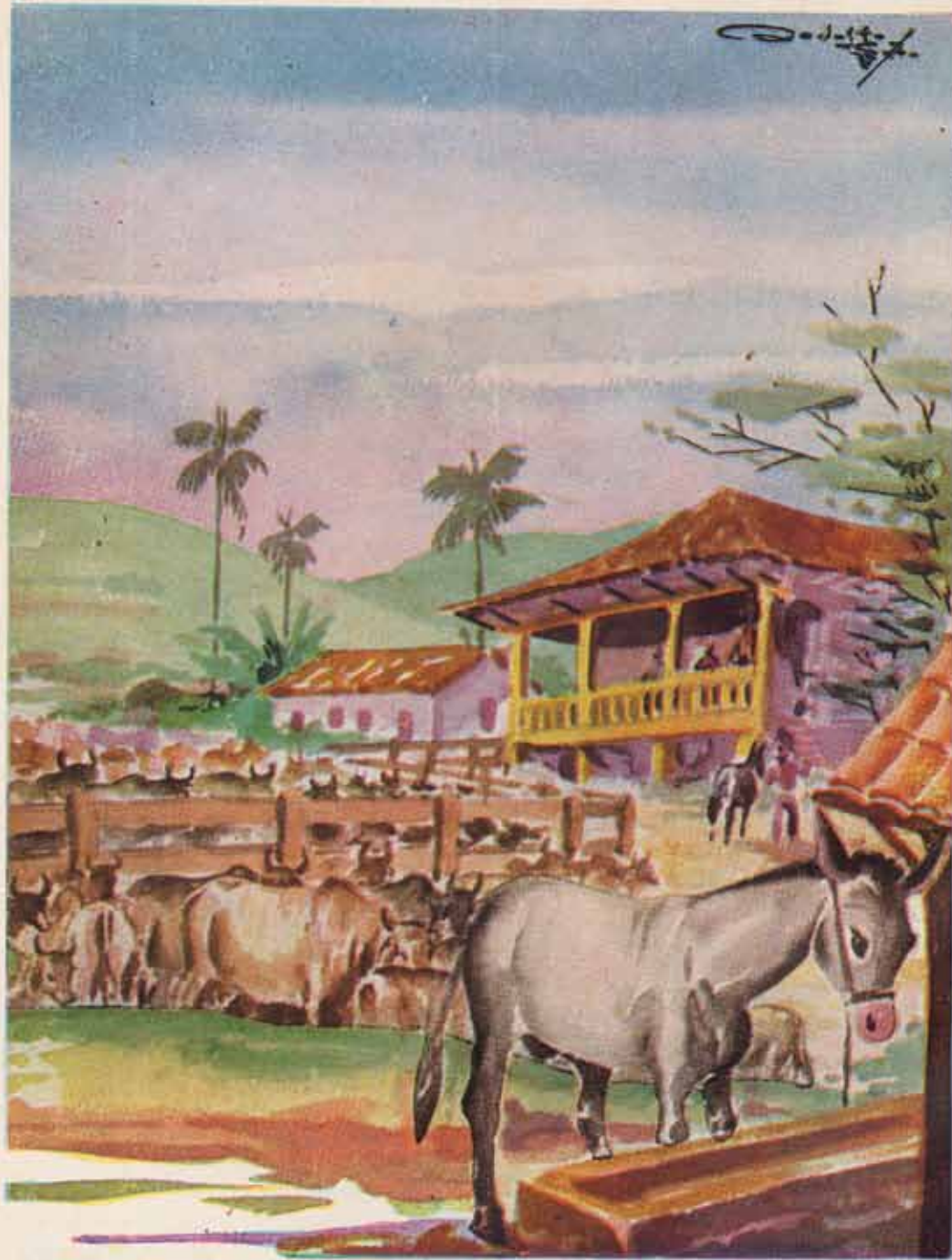
— Primeiro, porque a conhecia de anos anteriores e via os próprios vaqueiros evitá-la. Depois, porque sabia que qualquer vaca com bezerro novo é sempre perigosa. Costuma atacar de surpresa.

— Que burrinho sabido!

— Sabido e tanto, João Bolinha! Para descansar mais um pouco, chegou-se êle até os pilares da varanda. Apesar de ladino, essa aproximação ao casarão da fazenda foi o seu grande êrro.

— Êrro, por quê?

— Porque quem é visto é sempre lembrado. Na varanda da casa estava o Major Saulo transmitindo as últimas ordens aos vaqueiros que, com êle, levariam os bois para o embarque. Avistando o burrinho pedrês, deu uma risadinha, chamou o Francolin, seu secretário, e mandou que arreasse também o Sete-de-Ouros. A



princípio o vaqueiro supôs tratar-se de pilhéria do patrão. Mas êste confirmou a ordem:

“ — Arreia êste burro também, Francolin!

“ — Sim senhor, *seu* Major. Só que o burrinho está pisado, e quase não enxerga mais...

“ — Que manuel-não-enxerga, Francolin! São quatro léguas: o João Manico, que é o mais *leviano*, pode ir nêle.”

Estava lavrada a sentença. Não havia escapula. Em pouco



mais de tempo a vaqueirada, pronta e montada, aguardava as ordens. O Major Saulo, que na véspera saíra pela ivermada, com os campeiros, escolhendo, calculando o pêso a ôlho e apartando os bois para o embarque, orgulhava-se da boiada bonita no curral — quatrocentas e tantas rézes, lotação de dois trens-de-bois. — Envaidecia-se também dos auxiliares que desfilavam à sua frente. Eram doze homens: o Francolin — secretário — o Raimundão, o Sinoca, o Leofredo, o Tote e seu irmão Silvino, o Bastião, o Zé

Grande, e Benevides, — baiano importante que usava roupa de couro de três peças — o Juca Baneira, o Badu e o compadre João Manico. Antes de montar o seu cardão — cavalo violáceo e de bom porte — o Major, fazendo festas na cabeça de Sua-Cara, a cadela de estimação, perguntou ao Francolin Ferreira o que havia entre o Silvino e o Badu. O secretário informou-lhe que o Badu havia tomado a namorada do Silvino e êste prometera vingança. Diziam até que êle ia beber o sangue do rival naquela viagem. Para isso, já vendera tudo o que tinha. Era só levar a boiada, matar o inimigo e botar o pé na estrada, fugindo para as bandas de Curimataí, onde ia procurar outra noiva que deixou lá. *Seu* Major fêz cara de quem não acreditava, e, percebendo a chegada do Sol, ordenou ao secretário que trouxesse o cardão. Montado, deu uma volta pelos currais e ainda mandou trocar quatro rêsas que lhe pareceram bravas demais e podiam dar trabalho no caminho. Sinoca e Tote foram ao curral pequeno e trouxeram as substitutas. E o Major, envolto na capa larga, comandou, finalmente:

“ — Dianta, Leofredo! Da banda de lá, Badu!”

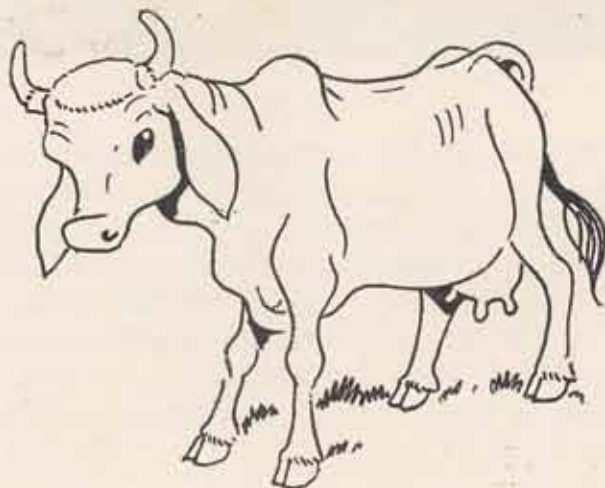
E, com voz firme, escalonou o pessoal. Com Badu seguiram o Juca Bananeira, o Silvino e o Raimundão. O Tote, o Sinoca e o Benevides acompanharam o Leofredo. Na frente, tocando o berrante, seguiram o Zé Grande e o Bastião. Os outros foram atrás. A boiada, ao deixar o curral, assustou-se com um trovão e o Leofredo profetizou chuva grossa. O Major Saulo, passando pelo compadre Manico, que ainda apertava a barrigueira do burrinho pedrês, observou:

“ — Ora viva! Está na hora, João Manico, meu compadre. Você e o burrinho vão bem, porque são os dois mais velhos e mais valentes daqui... Convém mais você ir indo atrás, à-toa. Deixa para ajudar na hora do embarque... E o Sete-de-Ouros é velho, mas é burro bom de gênio. Você não sabe que um burro vale mais que um cavalo, Manico?”

“ — Compadre *seu* Major, para se viajar o dia inteiro, em marcha de estrada, estou mesmo com o senhor. Mas, para tocar a boiada, eh, Deus me livre que eu quero um burrinho assim!”

— Coitado do João Manico! Devia estar com o moral abatido.

— Se estava, Dedete! Até na cozinha, as mulheres caçoavam dêle montado no burrinho pedrês.



(História para crianças, extraída do conto «O Burrinho Pedres», do livro «SAGARANA», de J. Guimarães Rosa).

Capítulo V

Conversa dos Boiadeiros



a grande aventura do Sete-de-Ouros, Vovô Felício, quando começa?

— Calma, João Bolinha. O sabor da história está justamente na ansiedade que ela desperta. A grande aventura já começou. O importante vai acontecer na viagem de volta.

— Só na viagem de volta? Então vai demorar muito! O senhor ainda vai contar tôda a ida, não vai?

— Certamente. Temos que acompanhar os bois ao embarque. Calma, que você vai gostar muito do desenrolar da viagem: seguindo a escala feita pelo Major Saulo, os cavaleiros puseram a boiada na estrada. O dono fechava o cortejo, trazendo Francolin como ordenança, e, do lado, o compadre João Manico, desabafando-se, xingava o Sete-de-Ouros de burrinho miserável. Os boiadeiros, na frente, cantavam para melhor passar o tempo. Cada um tirava um verso diferente:

*“O Curvelo vale um conto,
Codisburgo um conto e cem.
Mas as Lages não tem preço,
Porque lá mora o meu bem...”*

*“Um boi prêto, um boi pintado,
Cada um tem sua côr.
Cada coração um jeito
de mostrar o seu amor.”*

*“Todo passarinho do mato
tem seu pio diferente.
Cantiga de amor doído
não precisa ter rompante...”*

Enquanto alguns cantavam, outros iam conversando. Tote contava ao companheiro próximo a história da vaca que matou o Josias. Era uma vaca fumaça com cria nova. Os dois vaqueiros resolveram tirar a prosa da vaquinha e pularam para dentro do curral. Mal pisaram o chão, ela investiu contra Josias, que ia na frente e chifrou-o na barriga, sem que êle pudesse desviar-se. De-



pois, tentou pegar o Tote, mas êste fugiu a tempo de pular a cêrca. A vaca ainda o alcançou na sola do pé. Tote perdeu o equilíbrio, saltou com mais fôrça e esborrachou-se do outro lado, por cima de um monte de achas de aroeira.

— Coitado! E o Josias?

— Morreu, Maria Angelina. Quando chegou gente para acudir, já era tarde.

— E o Tote não procurou salvar o companheiro?



— Não foi possível, João Bolinha. Mal pôde êle livrar a própria pele. E sempre que contava a história, terminava-a afirmando que o “Josias foi o mais desfeliz, porque foi jogado para tudo quanto era lado, com a monstra sapateando em cima dêle e chi-frando...” Julgava-se sem culpa no caso e dizia ter sido má sorte do companheiro. “Era o dia dêle, o meu não era!”, desculpava-se com a fatalidade.

— Vida arriscada, a dos boiadeiros!

— Se é, Dedete! Há bois bravos e traiçoeiros. Durante a viagem, o Raimundão contou, a pedido do Major Saulo, a história do Calundu, zebu terrível, grandalhão, que tinha fama de não bater em gente a-pé, mas gostava de correr atrás de cavaleiro e derubá-lo. Encostando o ouvido no chão, para escutar, de longe êle sabia se vinha algum.

— Isso é verdade, Vovô Felício?

— Só se êsse boi viveu com os índios! Êstes é que têm o hábito de escutar o chão.

— Não sei, meus netinhos. Não posso garantir, mas foi o que contou o vaqueiro. E os vaqueiros, geralmente, não mentem; costumam exagerar um pouco para dar mais côr á história. O Raimundão tinha tanta admiração pelo Calundu que afirmava ser êste boi temido pelas onças.

— Mas como foi a história do Calundu? Êle matou alguém?

— Matou, João Bolinha. Matou o Vadico, menino forte, filho do fazendeiro, e cujo ideal era ser vaqueiro. Preferia ficar na fazenda a ir para o colégio. Sua alegria era estar no meio do curral, apartando os bois. Gostava muito do Calundu, que lhe retribuía a amizade. Um dia, porém... Deixemos o próprio Raimundão contar o fato ao Major. Prefiro ler êste trecho do livro, assim vocês o saborearão melhor:

“ — Zebu é bicho mau, que a gente nunca sabe o que é que êles vão cismar de fazer...”

“ — É mau por causa que êles são tristes... Repara só no berro que êles tem...”

“ — Sim senhor, deve de ser, *seu* Major. O Calundu, não sei se o senhor sabe, não batia em gente a pé... Ao depois, êle estava ali no meio da vacaria mansa... Seu Vadico foi fazer festa nêle, dando sal para êle lamber a mão. A gente estava ali pertinho, com as varas... O boi alisava o menino com o focinho, cheirando, e até parecia gente, de tão carinhoso... Quem é que havia de somar com aquilo? O senhor sabe que boi não entra na gente assim à-toa, sem avisar: mesmo quando êles já estão fazendo gatinhanha, sapateando, abrindo a terra e soprando em riba, a gente precisa é de não apartar os olhos dos olhos dêles...”

“ — Tôda a vida. Na hora de um boi partir na gente, os olhos mudam de jeito e ficam maiores, parecendo que não vão caber mais nos buracos das vistas...”

“ — Pois eu juro, *seu* Major, que aquilo foi de supetão... Eu vi o Calundu abaixar a cabeça... Parecia que êle ia querer mais sal... E, aí, de testada e de queixo, êle deu com o menino no chão, do jeito mesmo de que um cachorro derruba uma lata. *Seu* Vadico caiu debruço, com a cabecinha para dentro das patas do touro... E êle nem pôs o pé em cima: deu uma passada para trás, e foi uma chifrada só... Depois, o Calundu sungou a cabeça, e o sangue subiu atrás, num repuxo desta altura...!...”

“ — Muito triste, Raimundão.

“ — Nós corremos, todos, mas não foi preciso tirar o zebu, porque êle deu as costas, e foi andando para longe, vagaroso, que nem que não quisesse ver o crime que tinha feito... Aquilo era sangue por todo lado, e o pessoal gritando. *Seu* Neco Borges virou um demônio, puxou o revólver... Mas *seu* Vadico, antes de

morrer, falou determinado, que nem pessoa grande: “—Não mata o Calundu, pai, pelo amor de Deus! Não quero que ninguém judie com o Calundu!...”

— Que história triste, Vovô Felício!

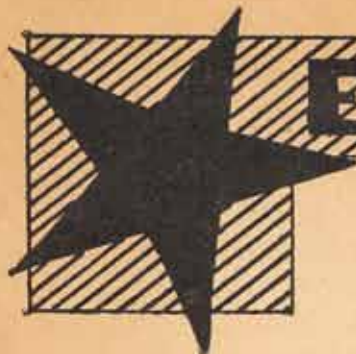
— Muito triste, Maria Angelina, mas ainda não termina aí. O pai do menino mandou levar o boi para o arraial a fim de ser vendido ou dado. Não queria mais saber d'êle. Como já estava tarde e Vista-Alegre era longe, Raimundão, que foi levar o boi, junto com um terno de vacas mansas, para o zebu não dar trabalho, teve de pernoitar na fazenda do Saco-do-Sôbre. De noite, ninguém pôde dormir. O boi berrava um gemido rouco, de fazer piedade. Tinha-se a impressão de que o Calundu estava arrependido do crime que praticara. Os vaqueiros resolveram ir até o curral. Quando o boi viu gente, parou de urrar e foi, manso, até a cêrca. Raimundão conta que o zebu parecia falar de alguma coisa. Até êle ficou com mêdo e rezava para o boi não poder falar. No dia seguinte, cedinho, encontraram o Calundu morto, no curral.



NO PRÓXIMO NÚMERO

Capítulo VI

CENAS DA VIAGEM



ESPERANTO

para o

SESINHO

Prof. M. Aveleza de Sousa



ZAMENHOF — CRIADOR DO ESPERANTO

(Continuação)

Durante os cinco anos e meio em que permaneceu na Universidade, Zamenhof jamais falou a alguém sobre o seu audacioso projeto. Foi essa uma fase deveras atormentada na vida do moço idealista. Obrigado a ocultar cuidadosamente seus pensamentos e seus planos, ele vivia afastado de todos, não se distraía, não tomava parte em reunião alguma, permanecendo completamente alheio da vida social.

O período mais alegre e despreocupado da vida da maioria das pessoas, que é, sem dúvida, o tempo de estudante, decorreu triste e cheio de incerteza para o jovem Zamenhof.

Por vezes, ele tentava distrair-se, participar de divertimentos juntamente com os seus colegas, mas sentia-se desambientado e constrangido, e logo se retirava para o seu isolamento.

De tempos a tempos, para aliviar a angústia que o oprimia, Zamenhof escrevia alguns versos na língua que ele próprio criara.

Uma dessas poesias, intitulada "Mia penso" (Meu pensamento), seria, mais tarde, incluída no seu primeiro livro. Pela sua natureza triste e amargurada, a referida poesia pareceu estranha e incompreensível a muito dos leitores, que não conheciam as circunstâncias de isolamento e inquietação em que ela fôra escrita.

(Continua)

Em Esperanto é muito freqüente o emprego de palavras compostas. Para se formar uma palavra composta, reúnem-se dois ou mais radicais, colocando sempre o principal, acrescido de uma das terminações gramaticais, **no final da palavra**. Ex.: **Kapdoloro** — dor de cabeça. **Lunlumo** — luar. **Tagmezo** — meio-dia.

Às vezes, para maior clareza do significado ou da pronúncia, é necessário usar a correspondente terminação gramatical também nos radicais secundários. Ex.: **dua**klasa — de segunda classe; **du**klasa — de duas classes. **Skribotable** — escrivantina. **Noktomezo** — meia-noite.

Algumas preposições são freqüentemente utilizadas na formação de palavras compostas. Ex.: **Kunlabori** — colaborar. **Priskribi** — descrever. **Eniri** — entrar. **Eliri** — sair.

Quando se quiser saber o significado de uma palavra composta, deve-se primeiramente desdobrar a palavra, isto é, separar os diversos radicais que a compõem, e procurar então a tradução de cada um desses radicais. Ex.: **Lunlumo**: lun(o)'lumo — lua'luz = luar. **Kapdoloro**: kap(o)'doloro — cabeça'dor = dor de cabeça.

Nas palavras derivadas usa-se o mesmo processo. Ex.: **Mallumo**: mal'lumo — o inverso de luz = escuridão.

NUMERAIS

Números cardinais

Para se poder formar qualquer número em Esperanto, basta decorar os seguintes números fundamentais:

Nulo	—	Zero
Unu	—	Um
Du	—	Dois
Tri	—	Três
Kvar	—	Quatro
Kvin	—	Cinco
Ses	—	Seis
Sep	—	Sete
Ok	—	Oito
Naŭ	—	Nove
Dek	—	Dez
Cent	—	Cem
Mil	—	Mil
Miliono	—	Milhão
Miliardo	—	Bilhão

(História para crianças, extraída do conto «O Burrinho Pedrés», do livro «SAGARANA», de J. Guimarães Rosa).

Capítulo VI

Cenas da Viagem

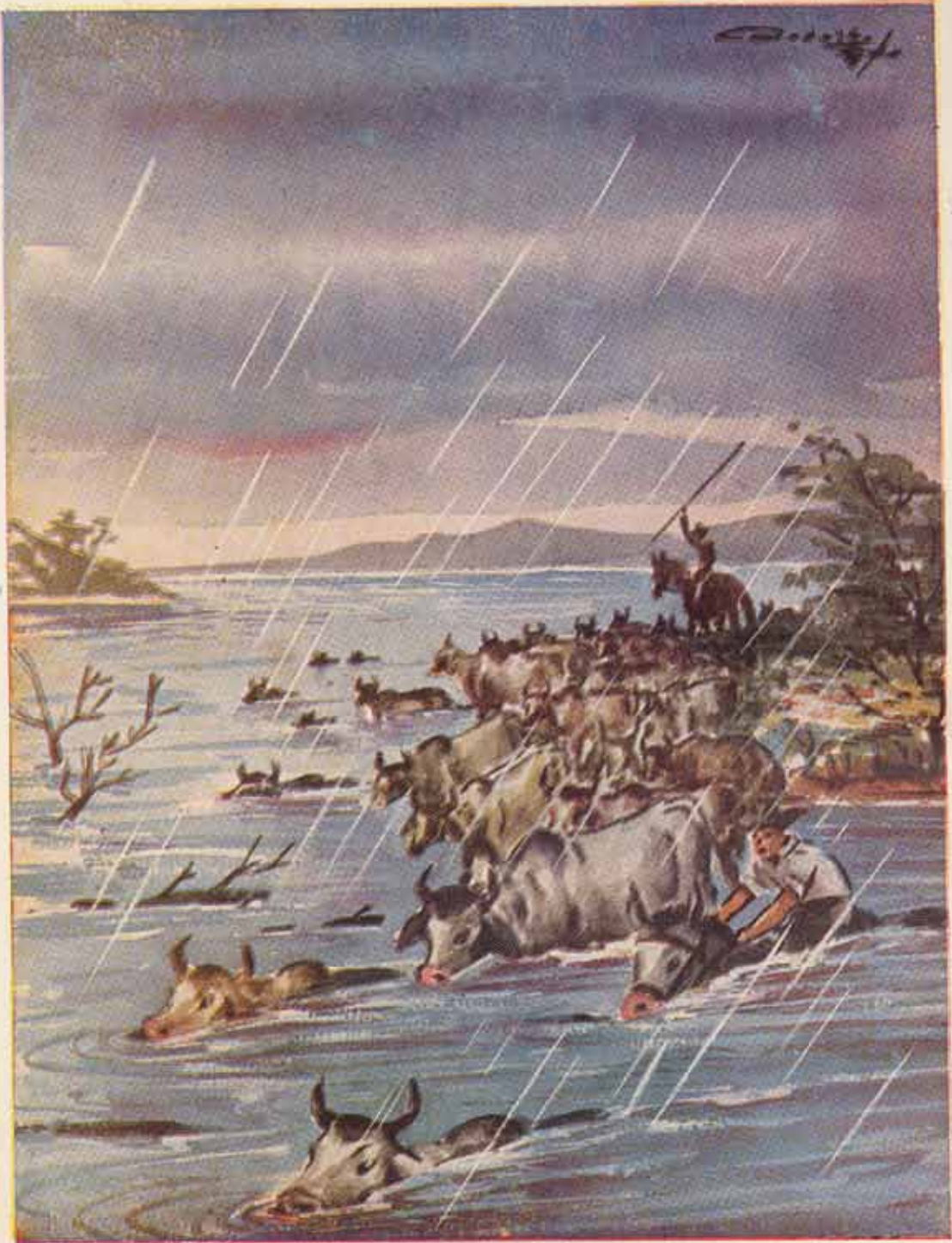


CABAVA de realizar-se a profécia do Leofredo. A chuva desceu o morro, espalhando um cheiro de novidade! Era uma chuvinha fina e vinha branquejando tudo, farfalhando, rumorosa, até alcançar a boiada. Em pouco tempo, engrossou e caiu pesada. Zé Grande convidou o pessoal a cantar aqueles versos que fazem a chuva ir-se embora:

“Chove, chuva, choverá,
Santa Clara a clarear
Santa Justa há de justar
Santo Antônio manda o sol
P’ra enxugar o meu lençol...”

— E a chuva passou?

— Não passou de todo, mas melhorou. Ficou ainda peneirando um pouco. Os vaqueiros comentavam o aguaceiro. Um, mais informado, contou que havia quatro dias que não parava de chover nas cabeceiras. A conversa ia animada, quando chegaram ao córrego da Fome. Êste, que no tempo da sêca não passava de um fiozinho, estava, agora, cobrindo d’água o barranco. A comitiva parou e o Major chamou por Sebastião, perguntando-lhe se não achava melhor atravessarem o rio mais em baixo. O vaqueiro, porém, opinou que era mais conveniente passar ali mesmo, pois em nenhum lugar o rio dava pé e, para sair-se do outro lado era bom aproveitar o desbarrancado daquela passagem. O Major concordou com o empregado e recomendou calma, pois ali já tinha morrido muita gente. Os vaqueiros começaram a tocar os bois. “Cou! Cou! Tou! Tou!...” E a boiada continuava parada, sem coragem de seguir. Zé Grande, o guieiro, entrou n’água tocando o *berrante*. Um boi que estava na beirada esticou o pescoço e foi o primeiro a pular no rio. O exemplo seguiram outras reses, e aos poucos tôda a boiada atravessou o rio. Havia lugar que não dava pé, os corpos desapareciam por inteiro, ficando fora d’água as ventas dos bois, respirando o ar, e os pares de chifre, como se boiassem. A alegria se completou do outro lado quando o Major Saulo, que foi o último a alcançar a margem de lá, bateu o chicote nas botas e se pronunciou: — “Viva, meu povo, não se perdeu nenhum!... Francolin, vai dizer a Sebastião que toquem pelo caminho de baixo, no fim da viagem...” Francolin se afastou e o Major pôs-se a zombar do João Manico montado no Sete-de-Ouros. Depois de rir um bocado, falou, assim, ao compadre: — “Escuta uma pergunta séria, meu compadre João Manico: você acha que burro é burro?”



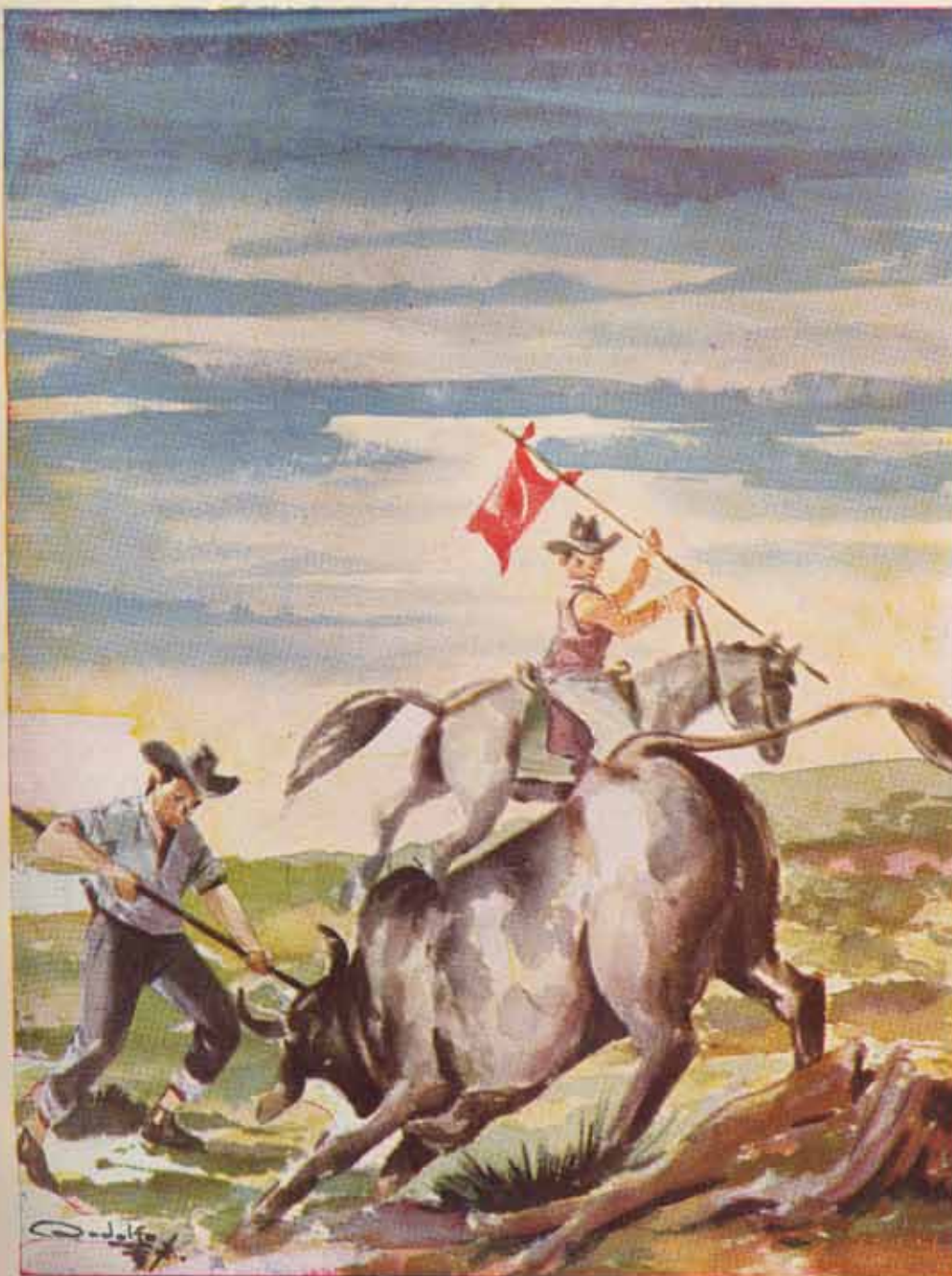
— Que respondeu o compadre?

— Respondeu, João Bolinha, que não achava não, porque os burros são ladinos demais.

— Resposta certa.

— Certa, sim, Dedete. Os burros têm mais instintos que os cavalos. Outra pergunta fêz o Major ao compadre, indagando se êle sabia escrever e ler. Vejam só que resposta engraçada deu o João Manico: — “Assim mais assim, com os erros todos e muita demora, até há uns dois anos atrás eu ainda era homem para pôr algum bilhete no papel...”

Os meninos riram-se da resposta do vaqueiro e João Bolinha comentou:



- Até parece o Zé Bolacha: com os erros todos!
- Cale a boca, João Bolinha. Você não pode falar de mim, não, porque também ganhou três em Língua Pátria.
- Boa hora de ficar calado você perdeu, João Bolinha.
- Não é da sua conta, Dedete. Ninguém o chamou na conversa.
- Que é isso? Novamente fazendo má-criação, João Bolinha? Respeite os mais velhos — ralhou Maria Angelina.
- Dedete não é mais velho, é menino, ainda, também.
- Sim, mas Vovô Felício está aqui perto. Vamos calar a boca e ouvir o resto da história.
- Então, escutem: ainda o Major Saulo conversava com

o João Manico, quando poeira forte subiu ao céu. Um vaqueiro a cavalo, perseguido por um boi, galopava na banda de lá. Era Silvino que arquitetara um plano para vingar-se do Badu, atirando-lhe em cima um boi bravo.

— Ele jogou o boi em cima do outro?

— Não jogou assim como você está pensando, não, João Bolinha. Fêz o boi investir contra o outro. Eu vou ler para vocês como o Francolin contou ao Major o acontecido:

— “Vi desde o começo, *seu* Major: o Badu teve de apertar a cilha do animal... saiu para um lado, desapeiou, e estava dando as costas para a boiada...

— “Ruim, Francolin. Vaqueiro de verdade não faz isso.

— “Mas, primeiro, êle quis ficar de frente, só que o poldro é desinquieto e andou de roda...

— “Está certo, Francolin. O poldro ainda não gostava de ver os bois, queria espiar para o lado do campo, achou melhor...

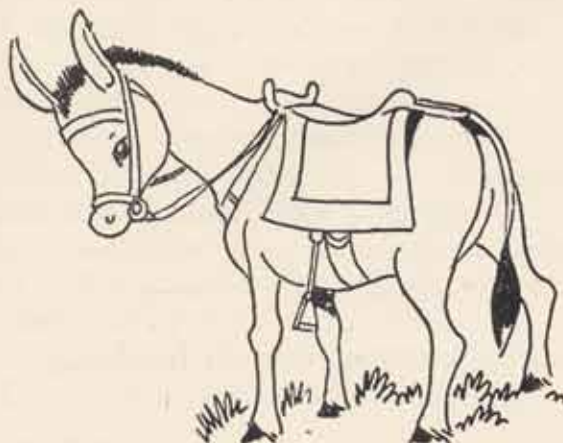
— “Pois foi só assim que o Badu aproveitou para ajustar a cilha, e estava só prestando atenção no jeito de se destorcer de algum coice... E então foi que o Silvino atijou raiva no marruaz... Escolheu o mais graúdo de todos... Sacudiu o lenço vermelho, que êle tinha prendido na ponta da vara. Em tempo de deixar a boiada estourar, que eu vi, só que o Raimundão tomou conta! E aí êle galopou para cima do Badu, trazendo o marruaz no rabo do cavalo, bufando por querer matar alguém, *seu* Major... Foi de maldade, foi crime, pela metade ao menos, *seu* Major. De propósito... Pois Silvino, quando chegou perto do companheiro, esquinou a galope para uma banda, de repente, e deixou o marruaz investir no outro...”

— E o boi chifrou o Badu?

— Não, Dedete. O vaqueiro ainda teve tempo de pegar a vara de ferrão e topá-lo. Foi uma cena empolgante. Os companheiros pararam para apreciar a luta. O ferrão resvalou na bochecha do boi, que passou como uma ventania. O touro parou adiante e voltou mais bravo ainda. Já encontrou o vaqueiro em guarda. Desta vez o ferrão feriu o focinho da fera e Badu, aguentando a vara, empurrou o boi para um lado.

— Ê preciso ter coragem, hein, Vovô Felício?

— Se é, meu neto. Coragem e sangue-frio. O boi voltou ainda uma terceira vez. Badu o recebeu preparado. “O marruá cresceu, subiu na vara, patas no ar, no raro e horrendo empinado vacum, rosnando e roncando”. A vara vergou, mas Badu, com seus dez anos de boiadeiro, agüentou firme, desequilibrou o boi e o atirou, redondo, no chão. Os companheiros salvaram a vitória, o touro foi juntar-se ao gado e a viagem prosseguiu em paz.



(História para crianças, extraída do conto «O Burrinho Pedrês», do livro «SAGARANA», de J. Guimarães Rosa).

Capítulo VII

Com Autoridade na Algibeira



Major Saulo começou a convencer-se, então, de que o Silvino queria mesmo acabar com a vida do Badu. Depois de ouvir Francolin, quis saber o que a respeito pensava o Raimundão. No meio da conversa, deixou cair esta pergunta:

“ — Será que êle viu o Silvino assoar o nariz com lenço vermelho?

“ — Não é capaz, *seu* Major. Nenhum de nós não anda com pano dessa côr. . .

“ — Regra boa, Raimundão... vermelho é côr de dor de cabeça. . .”

— E os dois continuaram a conversar. Francolin vinha atrás, cavalgando o burrinho pedrês.

— Francolin? Francolin, não, Vovô Felício! Era o compadre Manico que montava o Sete-de-Ouros.

— Era. Mas eu me esqueci de contar a vocês que, logo depois de o Badu topar o marroaz, o Major Saulo mandou o Francolin trocar de montaria com o João Manico.

— E êle trocou?

— Que fazer? Ordens são ordens, João Bolinha. Francolin achou ruim mas obedeceu e disse até: — “Só mesmo pelo respeito meu do senhor, *seu* Major.” Apenas o vaqueiro pediu que na entrada do arraial o patrão ordenasse a destroca, pois não ficava bem êle, secretário do *seu* Major, ser visto pelo povo de Vista Alegre, montado naquele burrinho sem categoria. O Major prometeu.

— E a conversa de Raimundão, Vovô Felício?

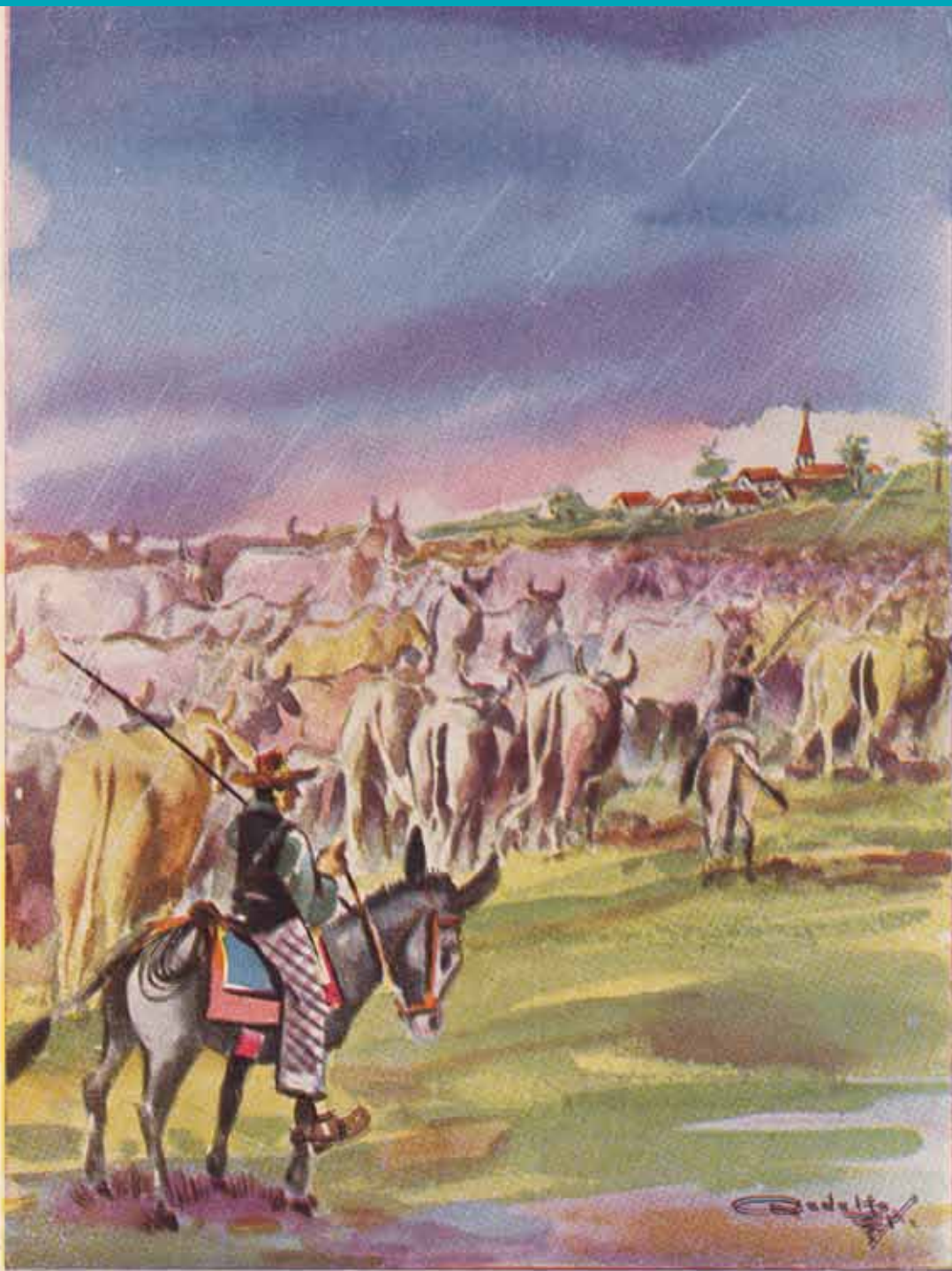
— Foi útil. Conversaram muito tempo e o Major acabou de convencer-se das más intenções do Silvino. Já estavam chegando. Surgiram as primeiras cafuas na entrada do arraial. O Major Saulo disse ao Raimundão que podia ir-se e lhe mandasse o compadre Manico.

— Estava na hora da destroca?

— Justamente, Dedete. Assim foi feito. O João Manico voltou às costas do Sete-de-Ouros e o Francolin saiu, garboso, ao lado do patrão. Para aumentar a sua vaidade, o Major ainda lhe disse: — “Galopa comigo, que é para o povo do lugar ver que o meu secretário é você. . .”

— Que prosa êle ficou, hein, Vovô Felício?

— Se ficou! Ao lado do patrão êle surgiu no arraial, na frente da boiada. Ao entrar esta no primeiro beco de casas, Leofredo postou-se de um lado, para contar os bois. Enquanto o Major aguar-

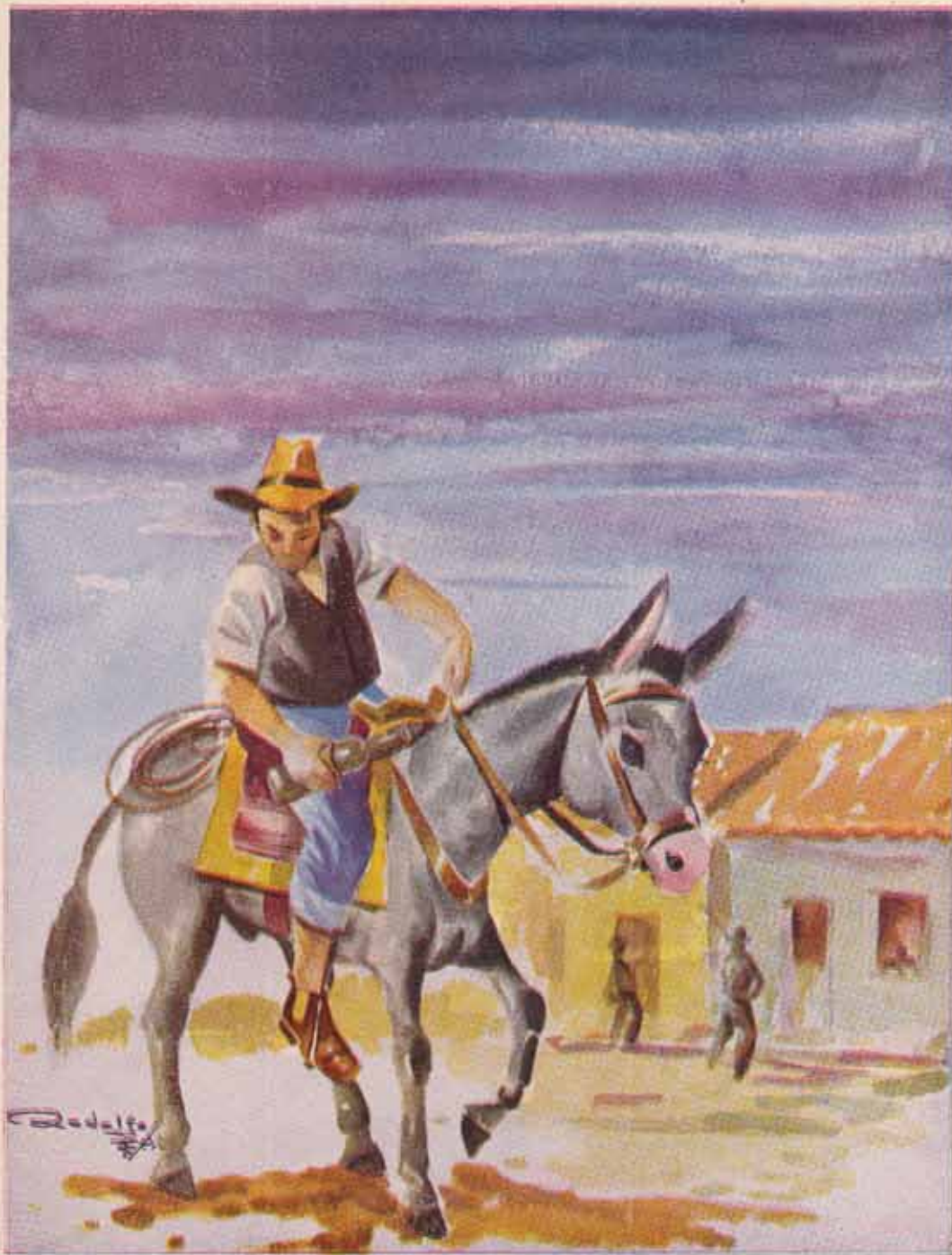


dava o resultado da conferência do Leofredo, conversava, assim, com o secretário:

“ — Francolin, escuta. eu tenho um mandado sério, para você cumprir, com toda regra, porque sei que você é o meu homem para isso. Espera. Bôca fechada e olho aberto, na volta, Francolin. Eu resolvi ficar hoje no arraial, com a família, e você vai vir com os vaqueiros, trazendo na algibeira autoridade minha. Olha lá, Francolin, como é que você arranja as coisas, sem ninguém desconfiar de nós. . .

“ — Nem que eu morra em nome da lei, na palavra do senhor, *seu* Major!

“ — É para vigiar o Silvino, todo o tempo, que êle quer



mesmo matar o Badu e tomar rumo. Agora, eu sei, tenho certeza. Não perde os dois de olho, Francolin Ferreira!”

— Neste momento aproxima-se o Leofredo para informar que não faltou nenhuma rês. O Major sorriu e feliz galopou com o secretário até o curral da estrada-de-ferro, onde a boiada entrava obedecendo aos gritos dos boiadeiros. O povo do arrial, que deixara as ruas vazias e se anpinhara nas janelas para ver passar a boiada, chegava-se, agora, para perto do curral, a fim de assistir ao embarque dos bois nos carros-jaulas dos trens especiais. O serviço só terminou depois de o sol já haver escondido atrás da serra. Estava bem fria aquela tarde. Os vaqueiros, enlameados e cansadíssimos, foram procurar o que comer e beber. Deixaram os cava-

los descansando, sem freios e com as barriqueiras aliviadas, na cobertura do Reinerio, o açougueiro do lugar e que sempre tinha uma cachacinha boa para oferecer aos fregueses. A luzinha fraca do arraial já estava acêsa quando os vaqueiros voltaram em busca de suas montarias. Depois que se retiraram todos, lá no fundo, no ponto mais escuro do telheiro, permanecia, recusado, o Sete-de-Ouros, entregue a uma soneca reparadora, após haver esvaziado a capanga de milho.

— Então faltava um vaqueiro! Será que o Silvino já matou o Badu?

— Não, João Bolinha. Sobrava o burrinho porque justamente o Badu ainda não havia chegado. Ele entrara demasiado na cachaca e vinha devagar, cambaleando. Ficou furioso porque lhe deixaram o burrinho pedrês. Mas não teve outro jeito senão montá-lo, precisava regressar. Quando passou pela venda do Geraldino, ouviu alguém caçoar:

“ — Ué, Badu, vai vender leite? Que é das latas?... Você está carregando o burrinho por de baixo?...”

“ — Cambada”. — Respondeu êle, e seguiu caminho. Na bôca do beco do Gentil da Ponte, onde terminava o arraial, percebeu um vulto montado a cavalo. Era o Francolin que esperava o companheiro, cumprindo o mandado sério do Major. O bêbedo não gostou muito da companhia do vaqueiro, que se pôs a chamá-lo de *seu* Balduino e recliminá-lo por haver bebido tanto. Não gostou e chegou mesmo a reclamar que para conversar com êle não era preciso chamá-lo de senhor, nem tratá-lo com cerimônia pelo nome próprio. Gostava que o chamassem pelo apelido. Justificando sua atitude, Francolin alegou que naquele dia não era êle quem estava ali, pois representava *seu* Major. Badu zombou da *farofa* do companheiro e disse que não queria saber de conversa.” — Homem ignorante... Malagradecido...” — resmungou o secretário, tocando na frente o seu cavalo, preocupado com o Silvino que podia estar tocaiando o Badu na estrada.



(História para crianças, extraída do conto «O Burrinho Pedrês», do livro «SAGARANA», de J. Guimarães Rosa).

Capítulo VIII

História do pretinho magricela



UE vida trabalhosa levam os vaqueiros! Nem tempo tiveram de descansar direito e já voltaram!

— Sim, minha netinha. Era preciso. Novas lutas os aguardavam na fazenda.

— Vida trabalhosa e arriscada, não é, Vovô Felício?

— Se é! Para você, Dedete, compreender bem o temperamento do vaqueiro e melhor aquilatar de seu valor, de sua fibra, vou ler mais um pequeno trecho do livro, no qual Raimundão, conversando com o Major Saulo, descreve muito bem o primeiro encontro que teve com um boi. Escute:

— “Você ainda se lembra da primeira topada sua, Raimundão?

— “Ah, *seu* Major, foi um boi retaco, que caminhava na gente por gôsto e investia de ôlho aberto e cabeça alteada, feito vaca... O senhor sabe, êsse é o pior que tem, para se escorar... Meu pai, que era vaqueiro mestre, achou que era o dia de experimentar minha fôrça... Dei certo, na regra, graças a Deus...

— “Você pensou alguma coisa na hora, Raimundão? Que foi que você sentiu?

— “Só, na horinha em que o bicho partiu em mim, eu achei que êle era grande demais, e pensei que, de em-antes, eu nunca tinha visto um boi grande assim, no meio dos outros... Mas isso foi assim num átimo, porque depois as mãos e o corpo da gente mexe por si, e eu acho que até a vara se governa... Quando dei fé a festa já tinha acabado, o meu pai estava me dando um cigarro, que êle mesmo tinha enrolado para mim, o primeiro que eu pitei na vista dêle... E foi falando: — Meu filho, tu nasceu para vaqueiro, agora eu sei...

— “Velho inteiro! E a bambeza, depois?

— “Não tive, *seu* Major. Só fome muita, isso sim. O pior foi que eu piscava, piscava, e afundei a cabeça n'água fria, mas sem valer de nada, porque fiquei o dia todo com aquêle boi dentro das minhas vistas, que nem um retrato, que até doía... Era um caraúno cara-larga, espácio, com sete anos de idade, com os cinco anéis no pé do chifre...”

— Bonito! Isto é que é ser valente! E depois ainda falam que o nosso vaqueiro é fraco e preguiçoso.



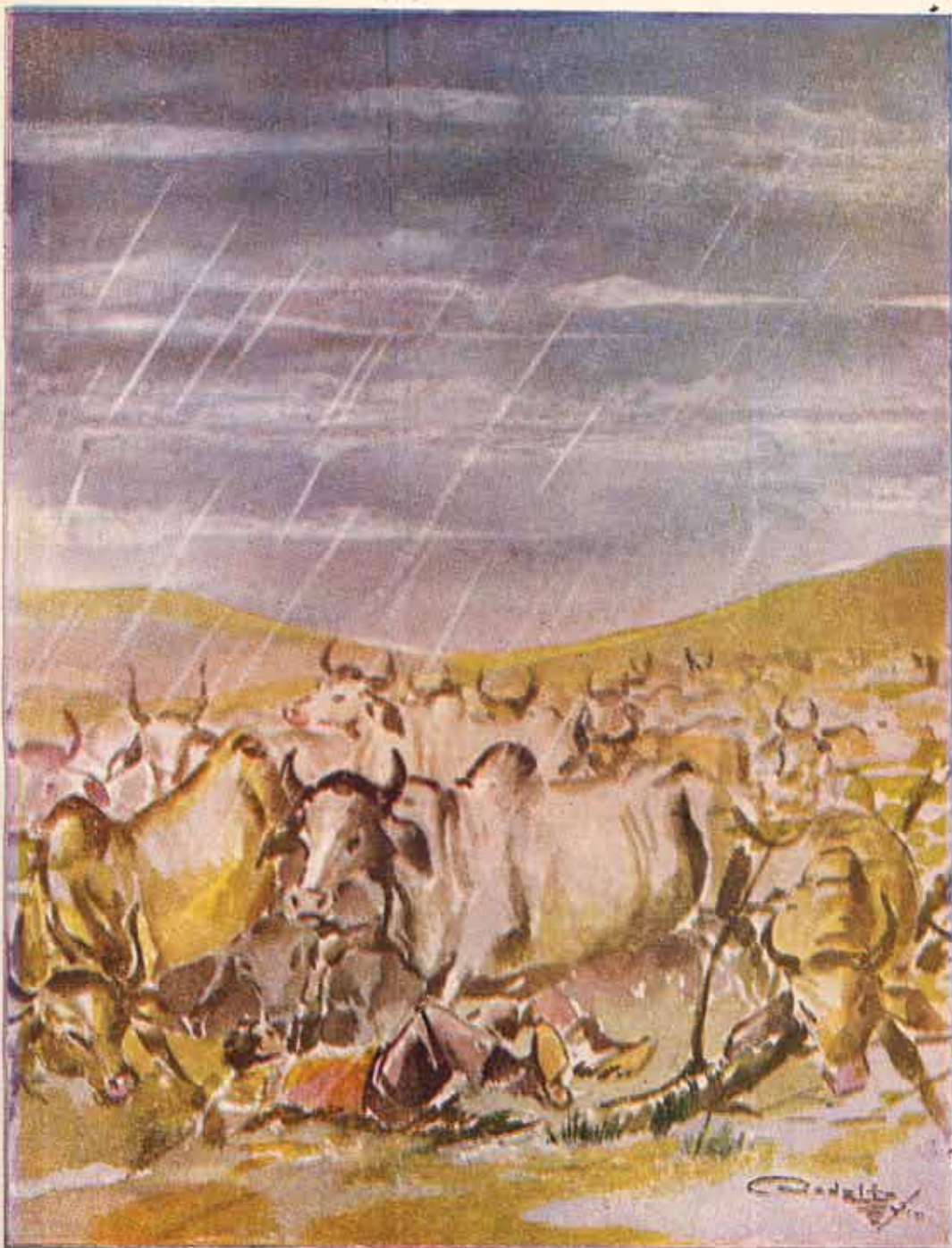
— Há dêses também, Dedete, mas vivem assim porque são doentes.

— Então não é culpa dêles.

— Sim, estou de acôrdo. Precisam ser melhor assistidos...

— Ora, Vovô Felício, o senhor está-se esquecendo da história do burrinho. Que aconteceu ao Badu?

— É mesmo, João Bolinha; vou continuar: Francolin só alcançou os companheiros um quilômetro adiante. Já não chovia e os vaqueiros comentavam as peripécias do embarque ou contavam heroísmos de outras viagens. Foi assim, recordando, que,



por insistência dos companheiros, João Manico narrou, mais uma vez, a história daquela boiada que êle ajudara buscar no fundo do sertão, em perdidas terras de Goiás. Era um gado triste, de caminhar lento e berro lânguido. Fazia tanto tempo! O Major era moço e todos o chamavam de *seu* Major Saulinho. Junto com a boiada, traziam êles, a pedido do fazendeiro que vendeu o gado, um pretinho magricela, de olhos graúdos, para ser entregue ao irmão, em Curvelo. A viagem tôda o pretinho chorava sem parar. Tanto êle como os bois tinham saudades de sua terra distante. O pretinho chegava a pedir para voltar: — “Ai, seu mocinho bom!

Ai, seu mocinho bom! Me deixa eu ir-s'embora para trás! Me deixa eu ir-s'embora para trás!" Como o vaqueiro não atendesse, êle mudou o pedido: — "Eu só queria poder sentar agora, um tiquinho, naquela canastra de couro, que tem lá no rancho de minha mãe... Queria só ver, de longe, a minha mãezinha, que deve de estar batendo feijão, lá no fundo do quintal!"... Era de cortar o coração. Os vaqueiros já não aguentavam o chôro do menino. O capataz, então, resolveu passar-lhe um apêto e, de cara fechada, ameaçou — "Se você chorar mais, diabinho, eu te corto a goela, e amarro teu defuntinho prêto em riba daquele boi jaguanês!..."

— Que maldade!

— Mas só assim, Maria Angelina, conseguiram fazer calar o pretinho, que ficou quieto e não deu mais um pio. Como todos estivessem cansados, o Major Soulinho resolveu que pousassem ali, num campo com aguada, cheio de coqueiro buriti. Como não havia curral próximo, a boiada ficou encostada num aberto da serra. Dois boiadeiros ficaram de guarda e os outros tiveram ordem de dormir. A noite vinha chegando e os bois puseram-se a berrar, gemendo de saudade. Nisto, o pretinho começou a cantar, chorando e soluçando, uma cantiga triste, em que repetia o estribilho:

"Ai, seu mocinho ruim!

Ai, seu mocinho ruim!

"...Ninguém de mim

ninguém de mim

tem compaixão..."

Os vaqueiros não podiam conciliar o sono. Pediram ao Major que fizesse o pretinho calar, mas êste, que também estava com saudade de casa, respondeu:

— "Deixa o menino chorar suas mágoas, que o pobre está com a alminha dêle entalada na garganta!..."

A tristeza contagiava a todos, mas o cansaço, finalmente, venceu as apreensões. Os vaqueiros dormiram sono profundo e só acordaram de madrugada, com os gritos do patrão, perguntando pelo gado. Havia fugido tudo e o pior é que passaram os bois por cima dos dois vaqueiros que, no chão, recostados nos arreios, descansavam o corpo.

— Morreram os vaqueiros?

— Ficaram irreconhecíveis. Foram pisados e moídos.

— Que coisa horrível!

— Foi o estouro da boiada, meus netinhos! Quando isto acontece, não há força que resista. As rêses dão a arrancada e se espalham no mato. É um custo, depois, para ajuntar o gado.

— E o pretinho, Vovô Felício?

— O pretinho desapareceu, também. Ninguém mais pôs os olhos nêle.

— Que espantoso!

— Disse o João Manico que, naquela noite, sonhou "com uma trovoada medonha, e um gado feio correndo, desembolado, todo dôido, e com um menino prêto passar cantando, tôda a vida, sentado em cima do cachaco de uma marruaz nambiju!..."

— Foi sonho ou viu de verdade?

— Isto êle não sabia. Não sabia e se dizia já muito velho para querer saber.

(História para crianças, extraída do conto «O Burrinho Pedrês», do livro «SAGARANÁ», de J. Guimarães Rosa).

Capítulo IX

A Grande aventura



— AGORA, Vovô Felício, conte a aventura do Sete-de-Ouros. Chega de tanta conversa de vaqueiros.

— Está bem, João Bolinha, mas tôdas essas histórias e conversas estão no conto do livro e servem para vocês ficarem conhecendo a vida dos valentes caboclos de nossa terra.

— Eu gostei muito de tudo que o senhor contou, Vovô Felício — falou Dedete.

— Eu também — confirmou Maria Angelina.

— Eu também gostei, mas quero saber agora qual foi a última aventura do Sete-de-Ouros.

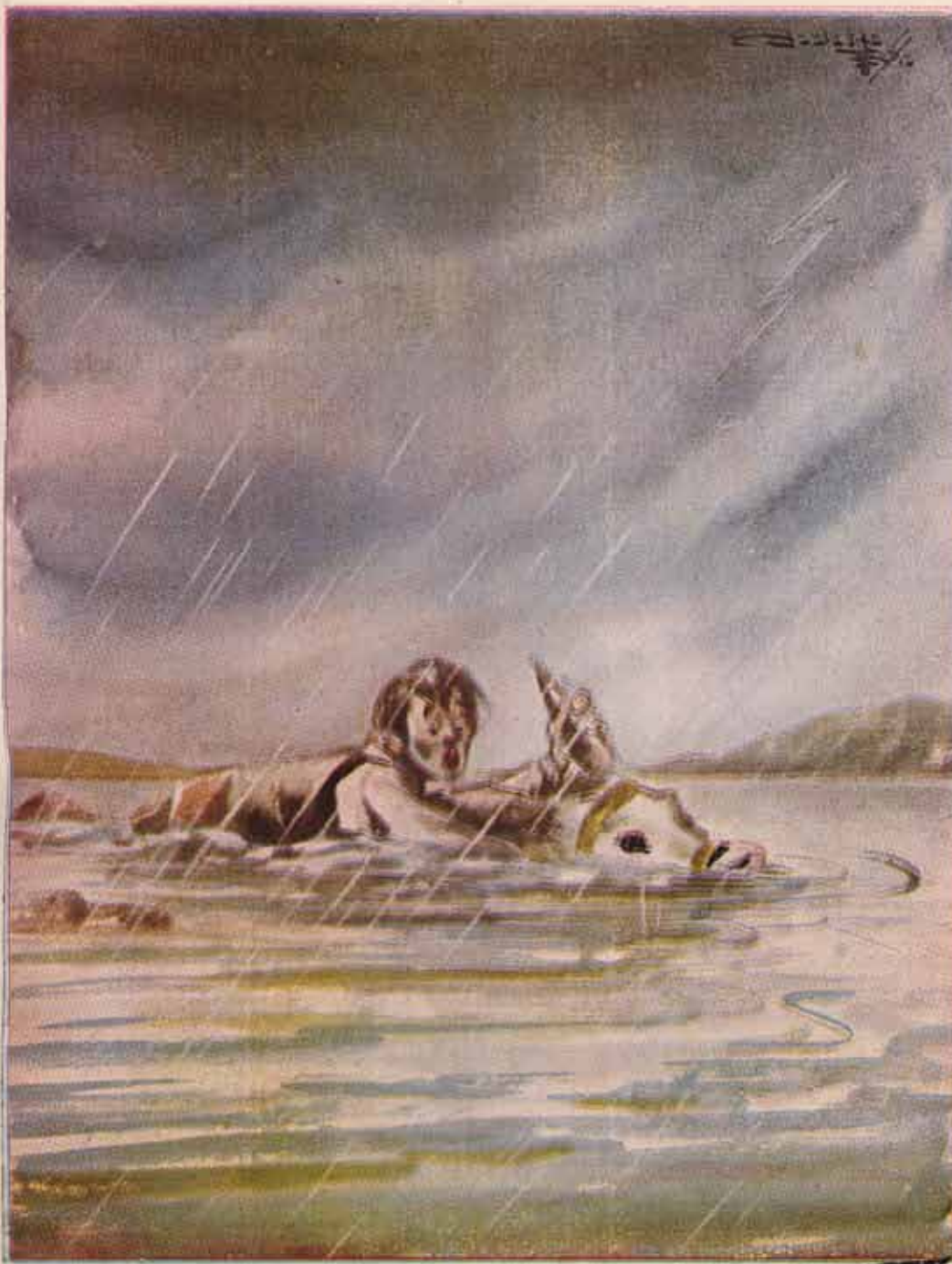
— E eu vou satisfazer a sua curiosidade, João Bolinha. A grande aventura do burrinho pedrês se deu justamente quando os empregados da fazenda da Tampa voltavam do arraial. A noite estava escura e úmida. Francolin, cumprindo as ordens do Major, não perdia de vista o Silvino, para ter certeza de que êle ia indo, sem esperar pelo rival. De repente...

— Vai ser agora a aventura?

— Daquí há pouco. Escute com atenção: de repente, o cavalo que puxava a fila estacou. Os outros páram também. Benevides, que montava o cavalo da guia, pensou que o animal se assustara com um passarinho que, àquela hora da noite, cortava o silêncio com seu canto monótono: *João, corta pau! João, corta pau!* Chegou mesmo a pedir ao Bastião que passasse fogo na ave. Êste, porém, discordando da opinião do companheiro, afirmou que cavalo nenhum tem medo de passarinho. Aquilo era por causa da enchente. Houve quem duvidasse que a enchente chegasse até ali, um quilômetro antes do córrego da Fome. E ficaram discutindo. Nisto, o Juca Bananeira, dizendo que tudo não passava de manha do cavalo, resolveu tocar para a frente, esporando seu animal e convidando os companheiros para fazer o mesmo. Leofredo, porém, propôs que esperassem o Badu e o burrinho, que vinham atrás. A fala do vaqueiro foi aceita por todos. Ninguém desconhecia a intuição dos burros. Êles não se metem em lugar de onde não podem sair. Quando, na escuridão, o vulto de Badu surgiu em sua montaria, as vozes da recepção se fizeram ouvir. O Silvino tentou aproximar-se, mas o Francolin estava alerta. Alegando que representava o *seu* Major, mandou o outro afastar-se.



Disto resultou pequena discussão entre os dois, que foi logo apaziguada por uma advertência: — “Juízo, gente! Olha o burro...” Badu vinha chegando, ainda bêbado, agarrado no pescoço do burrinho. Êste parou ao lado do cavalo de Benevides, estirou as orelhas para cima, para os lados, verificando a extensão do perigo. Os vaqueiros aguardavam a decisão do Sete-de-Ouros. Nisto o burrinho avançou resolvido. Os outros cavalos o seguiram sem dificuldade. No galho de uma árvore, o passarinho cantou: “*João, corta pau! João, corta pau!*”. João Manico estancou sua montaria, e disse: — “Eu não entro! A modo e coisa que êsse passarinho ou



veio ficar aqui para dar aviso para mim, que também sou João, ou então êle está mas é agourando... Para mim, de noite, tudo quanto há agoura!” Os companheiros chamaram-no de medroso e insistiram para que êle os acompanhasse. Mas não houve jeito. E com êle ficou também o Juca Bananeira, alegando estar resfriado. Não convinha molhar mais o corpo. Os outros acompanharam o burrinho. Os cavalos iam tateando, com água no peito. De repente, Sete-de-Ouros sentiu a terra fugir-lhe dos pés. Rompeu a nado. Silvino gritou para o secretário que se interpunha entre êle e o Badu: — “Arreda, Francolin! deixa eu passar!”

— Até aí, na hora do perigo, o Silvino não deixava o Badu em paz, Vovô Felício?

— A ocasião era boa para a vingança, João Bolinha.

— Mas o Francolin cumpria bem o mandado do Major.

— É verdade, Dedete, porém, não foi mais preciso. Justamente neste momento, um rebôjo sinuoso separou-os todos. As ondas iam e vinham fortes. O burrinho continuava nadando com o cavaleiro grudado em seu pescoço. Houve um momento de pânico para o Badu: foi quando o Sete-de-Ouros parou para deixar passar uma tora grossa que vinha de ponta. O burrinho mergulhou um pouco e a água barrenta cobriu a cabeça do bêbado. De novo, voltou Sete-de-Ouros a nadar sem pressa, só pensando no côcho de milho que o esperava na fazenda. Ao atingirem o leito do rio, o leito normal do córrego da Fome, os cavalos já estavam sem força e não resistiram à correnteza. Foi uma calamidade: “O cavalo preto de Benevides não desceu, porque ficou preso, com a cilha enganchada num ramo de pé-de-ingá. Mas o amarelo bragado de Silvino deve ter dado três rodadas completas, antes de se sorveter com o dono, ao jeito de um animal bom. Leofredo, não se achou. Raimundão, também não. Sinóca não pôde descalçar o pé do estribo, e êle e a montaria apareceram, assim ligados os dois defuntos, inchados como balões. Zé Grande e Tote, abraçados, engalfinhados, sobraram num poço de vazante. Mas o que navegou mais longe foi Sebastião, que aprobeu — barca vazia — e ancorou de cabeça, esticado e leve, os cabelos tremulando como fiapos aquáticos, no barro do vau da Silivéria Branca...” Só o burrinho continuava nadando. Tinha agora sua carga aumentada. Trazia seguro na cauda o secretário do Major.

— O Francolin?

— Sim. O Francolin Ferreira. Na angústia que sentia ao se afogar, êle viu passar ao seu alcance uma coisa balançando: era o rabo do burrinho. Agarrou-se a êle com vontade e pôde, assim, salvar-se. O Sete-de-Ouros em pouco tempo galgou a outra margem do rio e andou enquanto sentiu água nos pés. Depois, parou, desfêz-se, com um coice, da carga que trazia na cauda e seguiu caminho de casa. Agarrado à crina, levava o Badu que voltou a dormir, curtindo a bebedeira. Quando chegaram à fazenda, já noite alta, Sete-de-Ouros encostou-se na escada da varanda da casa-grande e esperou que o vaqueiro acordasse. Pouco tempo levou para isto. Badu pôs-se a cantar, a fim de despertar os camaradas que dormiam no paiol. Livre do cavaleiro e terminada a sua missão, Sete-de-Ouros foi desarreado e dirigiu-se para o côcho de milho, onde comeu até fartar. Depois, deu umas esponjadelas no chão, de perna para o ar, e foi dormir no cantinho mais escuro e sossegado da cobertura. E assim, termina a história do herói da travessia do córrego da Fome.

— Muito bonita a história.

— Bonita, mas triste. Os vaqueiros morreram quase todos.

— É verdade. Só escaparam quatro: o João Manico e o Juca Bananeira, que não tentaram a travessia, e o Badu e o Francolin, salvos pelo burrinho pedrês.

— Vovô Felício, se fôsse eu quem escrevesse essa história, o Silvino é quem seria salvo no lugar do Francolin.

— Por quê?
— Por que, assim, o Silvino ficava devendo a vida ao Badu e fazia as pazes com êle.

— Não seria mal. Aproveite a idéia para escrever um conto com êsse final.

— João Bolinha escritor? Nunca vi escritor de cabeça de pau!

— Olhe, Zé Bolacha, você não mexe comigo não, que eu lhe aumento os beiços com um sopapo.

E o ex-boneco avançou para o pretinho. Vovô Felício interveio:

— Calma. Muita calma, João Bolinha. O Zé Bolacha está brincando com você. Precisamos acabar com esta rusga entre os dois. Sejam amigos e vão brincar.

— Mas eu queria, Vovô Felício, que o senhor contasse as outras histórias do livro.

— Não, João Bolinha. As outras ficam para quando você crescer. Você mesmo deve lê-las. Em "Sagarana" se deliciará o leitor não só com o enredo dos contos, mas, principalmente com o estilo do autor e a maneira de fixar as suas personagens. A irara Risolêta, os bois Capitão, Namorado, e seus companheiros de carro, o cachorro Giló, Manoel Fulô, seu Joãozinho, Bem-Bem, o Quim Recadeiro, Nhô Augusto Matraca e tantas outras personagens jamais serão esquecidos. Quando você crescer, vai ler a "Sagarana". Agora, deixe-me descansar um pouco.



